

# Disputas no condomínio

**BRASÍLIA** A aliança pelo *impeachment* expõe suas divergências na primeira semana do governo interino de Michel Temer

POR ANDRÉ BARROCAL

**Q**uando deputado, Michel Temer rabiscava versos em guardanapos durante voos entre Brasília e São Paulo. Em 2013, vice-presidente “decorativo”, como se autodefiniu, lançou um livro de poesias, *Anônima Intimidade*. Houvesse dado uma cópia a seu ministério de homens brancos e recomendado o poema “Exposição”, talvez não experimentasse certos dissabores logo nos primeiros dias como presidente interino. Nem a nação. *Não teria sido mais útil silenciar?/ Deixar que saibam-te pelo que parece que és?/ Que desejo é este que te leva a desnudar-te?/ A desmascarar-te?* Como, parece, ninguém leu o chefe, a estreia do governo provisório exibiu um *striptease* coletivo. Ideias retrógradas, cinismo, agressões, teve de tudo. Avisos sobre ameaças a avanços sociais dos últimos 15 anos confirmaram-se, embora Temer tivesse prometido mantê-los e, diante do leite derramado, tentado reduzir danos, prova de desorientação e sensibilidade midiática dos atuais inquilinos do poder.

A confusão não serviu, porém, para esconder verdades inconvenientes. No exterior, aumentam as dúvidas sobre a

legitimidade do governo provisório, situação com a qual lidará um tucano que não chega a ser um modelo de simpatia e diplomacia, José Serra, novo chanceler. Internamente, Eduardo Cunha, deputado suspenso pelo Supremo Tribunal Federal e réu por corrupção, infiltra-se na gestão Temer, embaraço para quem fazia vista grossa à parceria dos *emedebistas*. Influência obtida inclusive com métodos mafiosos e que provocou a primeira desavença na aliança do presidente interino, uma base de apoio com viés de bomba-relógio e sem coesão para aprovar o principal item da agenda, a reforma da Previdência.

O debate inicial sobre as mudanças nas aposentadorias exemplifica os tropeços verbais do governo provisório. Na segunda-feira 16, Temer recebeu no Palácio do Planalto uma delegação de sindicalistas, à exceção de representantes da CUT, a maior central, que “não reconhece golpistas como governantes”. Os trabalhadores queriam conhecer os planos oficiais. Na saída, animavam-se com a promessa de serem ouvidos em um grupo que vai discutir o tema por 30 dias, antes de decisões. Quarenta e oito horas depois, o choque de rea-



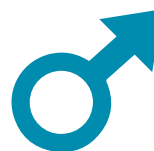
lidade. Após a reunião inaugural, o chefe da Casa Civil, Eliseu Padilha, anunciou que a proposta do governo será levada ao Congresso em 3 de junho. Ou seja, nada de um mês de debates, e a decisão já está tomada.

**No mesmo dia**, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, concedia entrevista a quatro jornais e mostrava sua paixão pela austeridade impulsionadora da reforma. Segundo ele, é “má solução” ter novas regras só para os futuros trabalhadores, pois os efeitos demorariam. Defensor de idade mínima de 65 anos, seu plano relegaria a mais seis anos de labuta quem tem 59 anos e está prestes a se aposentar, caso aprovada a reforma. Nenhum sindicalista presente no Planalto pode, no entanto, alegar surpresa. Em entrevista ao *Fantástico* no domingo 15, Temer disse que a “transição não fere direitos

LULA MARQUES/AGÊNCIA PTE ALEX FERREIRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS



TAMBÉM  
NESTA  
SEÇÃO



pág. 32

**The Guardian.** Sobre testosterona, falta pigmento no gabinete provisório



adquiridos”. Em linha com o rodeio de Meirelles em entrevista coletiva na antevéspera: “Direitos adquiridos não prevalecem sobre a Constituição”.

A equipe econômica recém-nomeada não destoa. Ilan Goldfajn, diretor do Itaú escolhido para a presidência do Banco Central, e Carlos Hamilton Araújo, ex-diretor do BC designado secretário de Política Econômica da Fazenda, defendem (ou defenderam no passado recente) a tese de que aumentar o desemprego seria um remédio para derrubar a inflação. Meirelles projeta uma taxa de desocupação de 14% no fim do ano, caso reformas como a da Previdência não saiam do papel.

## Acendeu-se uma vela ao mercado e outra a Cunha



**Reformadores.** O presidente interino entre Meirelles, da Fazenda, e Goldfajn, do BC. Abaixo, Cunha e Moura, seu protegido e novo líder do governo

Neste ambiente de desemprego em alta, o novo ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, sugeriu trocar a CLT em favor da negociação entre patrões e empregados. Curiosidade: Nogueira é gaúcho e filiado ao PTB, partido de Getúlio Vargas, pai da CLT.

Outro ministro dos pampas também deu declarações de arrepiar. A *O Globo*, Osmar Terra, do Desenvolvimento Social, defendeu cortar ao menos 10% dos beneficiários do Bolsa Família, que Temer havia jurado manter. “Se for cruzar todos os dados, pode dar mais, de 20% a 30%”, arriscou o ministro. O cearense Bruno Araújo, das Cidades, cancelou 11 mil contratos do Minha Casa Minha Vida, outro programa



que o presidente interino prometeu preservar. O paranaense Ricardo Barros, da Saúde, disse à *Folha de S. Paulo* que o SUS não cabe no Orçamento e bom mesmo é ter plano privado. O potiguar Henrique Alves, do Turismo, sonha em legalizar os jogos de azar.

No Itamaraty, Serra caprichou na polêmica. Em notas oficiais, agrediu vizinhos preocupados com os acontecimentos brasileiros pelos reflexos potenciais na região. Atacou Venezuela, Cuba, Bolívia, Equador e Nicarágua, “que se permitem opinar e propalar falsidades”. O presidente do Equador, Rafael Correa, acha que o *impeachment* é um “novo Plano Condor” contra os progressistas. Serra ameaçou cortar a cooperação do Brasil com El Salvador, país pobre de 6 milhões de habitantes cujo presidente, Salvador Sánchez Cerén, não reconhece o governo Temer.

**A postura antecipou** uma ruptura na política externa, anunciada por Serra na quarta-feira 18 ante uma alegre plateia de diplomatas chateados com o desprezo a que estavam relegados por Dilma

**Elas dizem não.** Bruna Lombardi, Daniela Mercury e Marília Gabriela recusaram o rebaixado posto de secretária da Cultura

## A principal tarefa de Michel Temer foi desmentir as declarações desastrosas de ministros

Rousseff. A obsessão comercial dará o tom agora, com foco na busca por acordos bilaterais e aproximação com Estados Unidos e Europa. O Caribe não foi citado e corre o risco de ficar sem embaixadas criadas na era petista. A África, outra fronteira aberta pelo lulismo, não merecerá deferências. “Não pode esta relação restringir-se a laços fraternos do passado e às correspondências culturais”, disse Serra. “A África moderna não pede compaixão.” Palavras que não surpreendem em um governo só de brancos e que, em seus expurgos de servidores do Planalto, demitiu um veterano garçom negro, José Catalão, “acusado” de petismo. Consolo de Catalão: um telefonema de Lula.

A dureza de Serra no trato com vizinhos tem ainda outra explicação, segun-

do um calejado diplomata. A necessidade de afirmar, a uma desconfiada comunidade internacional, a legitimidade do governo provisório. O próprio Temer, ao *Fantástico*, insistiu: “O governo é legítimo”. Até aqui, nenhum chefe de Estado telefonou-lhe ou fez-lhe acenos. Os EUA até que arriscaram, mas pelo segundo escalão, talvez por gratidão ao tempo em que Temer e Serra eram informantes de diplomatas norte-americanos no Brasil, revelação do WikiLeaks. Talvez pelos velhos interesses comerciais. Na quarta-feira 18, o representante dos EUA na Organização dos Estados Americanos, Michael Fitzpatrick, disse não acreditar em “golpe”. Um dia antes, um representante da Câmara de Comércio havia anunciado o entusiasmo das empresas estadunidenses ante a possibilidade de investir no pré-sal.

A chancela de Fitzpatrick não funcionou. A ideia de “golpe” outra vez correu o mundo, graças a artistas brasileiros participantes do festival de cinema de Cannes, na França. Na terça-feira 17, o diretor e atores de *Aquarius*, filme nacional que participa da mostra, ergueram cartazes no qual denunciavam o “golpe” no Brasil. Deixaram colegas de alma lavada. A classe artística ficou indócil com o fim do Ministério da Cultura. Em carta aberta, dezenas de artistas consideraram um “grande retrocesso” em busca de uma “economia pífia”. A decisão foi elogiada, no entanto, por dois entusiastas anti-Dilma, os músicos Lobão e Roger. Rebaixada à condição de secretária subordinada à Educação, cujo ministro, Mendonça Filho, do DEM, quer cobrar mensalidade em universidades públicas, a Cultura foi usada por Temer para tentar contornar a mancha de montar um gabinete 100% masculino. O interino queria uma mulher no posto. Foi rejeitado por cinco, entre elas a atriz Bruna Lombardi e a jornalista Marília



★★★ PÉROLAS INTERINAS ★★★

**JOSÉ SERRA**

O chanceler brigou com a vizinhança

*“Rejeitou enfaticamente” declarações de Venezuela, Cuba, Bolívia, Equador e Nicarágua, disse que o secretário-geral da Unasul expressa juízos “incompatíveis” com o cargo e ameaçou cortar a cooperação com El Salvador, que não reconhece o governo Temer*



**HENRIQUE MEIRELLES**

O czar da Fazenda relativiza direito adquirido na reforma da Previdência

*“Direitos adquiridos não prevalecem sobre a Constituição”*



**OSMAR TERRA**

O Ministro do Desenvolvimento Social quer chutar no mínimo 10% das pessoas do Bolsa Família

*“Se for cruzar todos os dados, pode dar mais, de 20% a 30%”*



**RICARDO BARROS**

Ministro da Saúde reclama do tamanho do SUS...

*“Nós não vamos conseguir sustentar o nível de direitos que a Constituição determina (...) Quanto mais gente puder ter planos, melhor”*  
**...E promete debater aborto com os crentes**  
*“Vamos ter de conversar com a Igreja”*



**Michel Temer**

O presidente em exercício ao recuar da mancada de um Ministério sem mulheres

*“Quero trazer uma representante do mundo feminino” para secretarias. “O rótulo de ministro não é um rótulo que vai, digamos assim, fazer com que a pessoa aja bem”*



**RONALDO NOGUEIRA**

O Ministro do Trabalho namora uma reforma trabalhista

*“A livre negociação é uma das medidas que poderão ser elementos facilitadores para esse ambiente de abertura de novos postos de trabalho”*



**ALEXANDRE DE MORAES**

O ministro da Justiça desdenha de procurador-geral da República escolhido em lista tríplice do MP

*“(A Constituição) Não prevê (isso). Prevê que o presidente da República escolha um integrante da carreira para um mandato de dois anos”*



**HENRIQUE ALVES**

O ministro seminovo do Turismo defende bingos e cassinos

*“A ideia é legalizar todo tipo de jogo. Hoje o jogo existe de forma clandestina e sem gerar qualquer benefício para o Estado”*



**MENDONÇA FILHO**

O Ministro da Educação quer mensalidade em universidade pública

*“Nos últimos anos, o Brasil conseguiu universalizar o acesso às universidades. O desafio agora é investir em qualidade no ensino básico”*



## Seu País

**Porrete.** Serra, o chanceler, falou grosso com El Salvador, de Cerén, e o Equador, de Correa. Nada além do esperado

▶ Gabriela. Sem alternativas, teve de nomear mais um homem.

Gênero à parte, uma das situações mais delicadas para Temer em seus primeiros dias nasceram de declarações do ministro da Justiça, o tucano Alexandre de Moraes. À *Folha de S.Paulo*, Moraes disse que o presidente não é obrigado a indicar para o comando do Ministério Público Federal um procurador eleito em lista tríplice pela categoria, praxe desde 2003. Pegou mal para um governo que ainda precisa provar seu apoio à Operação Lava Jato. Não surpreende Temer ter desautorizado o subordinado.

**Um dos motivos** de dúvida sobre o compromisso de Temer com a Lava Jato deve-se à influência de Cunha. Apesar de afastado do mandato e do comando da Câmara, ele dá as cartas no governo interino, embora diga não ter indicado “um alfinete”. Apadrinhou certos ministros, entre eles Mauricio Quintella, dos Transportes, área prestes a virar um balcão de negócios, pois Temer quer “privatizar tudo o que for possível” em infraestrutura. Também está por trás da escolha do chefe da área jurídica do Planalto, Gustavo do Vale Rocha, seu advogado. A escolha faz lembrar um relato do presidenciável Ciro Gomes, do PDT. Cunha e Temer tinham uma dobradinha na Câmara, diz Gomes. O primeiro comercializava leis sob a guarida do segundo, então presidente da Casa. Cunha emplacou ainda um assessor na chefia de gabinete do ministro Geddel Vieira Lima, da Secretaria de Governo, repartição do Planalto que negocia com o Congresso.



### A comunidade internacional continua desconfiada

Nenhuma dessas indicações supera, porém, a definição do líder do governo na Câmara. Uma história ilustrativa do poder e dos métodos do “cunhismo”, a maior força entre os deputados na atualidade, e de como Temer é refém de Cunha. O escolhido foi o deputado ser-

gipano André Moura, do PSC, nanica sigla religiosa. Um parlamentar de enorme identidade com Cunha, a começar pelo prontuário. É investigado na Lava Jato, réu em processos no Supremo Tribunal Federal sob a acusação de improbidade e suspeito de envolvimento em uma tentativa de homicídio. Declarado “ficha suja” pela Justiça Eleitoral, só assumiu em fevereiro de 2015 graças a uma liminar de dezembro. Como alguém com um currículo desses se tornou líder do governo? Chantagem, denunciou da tribuna, sem ser desmentido ou contestado, Silvio Costa, do PTdoB.

Designar Moura foi uma exigência dos aliados de Cunha, uma massa numerosa e conservadora batizada de “centrão”, reedição do “blocão” com o qual o ex-presidente da Câmara atazanou Dilma.



que ninguém indicaria integrantes. Na prática, ela não existiria. Uma situação que poderia mudar, ao menos segundo o relato de Costa. Na terça-feira 17, Mello liberou o caso do *impeachment* de Temer para julgamento no plenário do STF, que deve acontecer em breve.

**O enredo da nomeação** de Moura encaixa-se na descrição do “cunhismo” feita pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, no pedido levado em dezembro ao STF e só recentemente julgado. Anotou Janot à época: “Existe um grupo de parlamentares, liderados por Eduardo Cunha, que vem se valendo dos respectivos mandatos e prerrogativas, tais como poder de requisição e convocação, a fim de pressionar e intimidar terceiros, empresários ou qualquer pessoa que possa contrariar os interesses do grupo criminoso do qual Eduardo Cunha faz parte”. Moura é um dos citados.

A nomeação do novo líder expôs ainda uma situação antevista, a difícil convivência entre os dois principais grupos políticos de sustentação de Temer, a bancada de Cunha e a oposição a Dilma liderada pelo PSDB. Esse último grupo queria outro nome na liderança, o carioca Rodrigo Maia, do DEM, e chiou. Um integrante da ala liderada pelos tuca-

nos sente na pele a dura vida de quem se opõe ao ex-presidente da Câmara e sua turma. O mineiro Julio Delgado, do PSB, defensor da cassação do peemedebista, tem sido chantageado. Se não recuar, será denunciado ao Conselho de Ética por quebra de decoro.

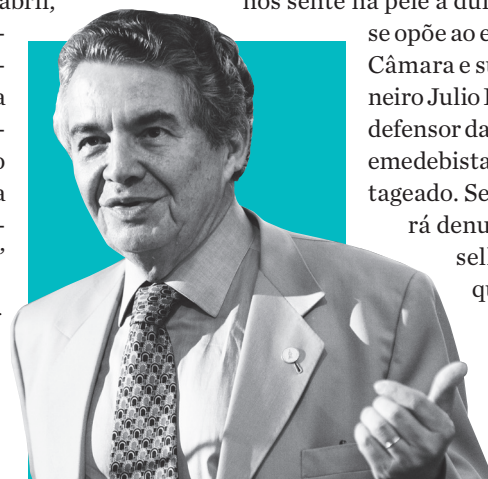
Aguardam-se os próximos capítulos do governo provisório. •

Colocar um representante no posto serve à estratégia do peemedebista de tentar escapar do STF e da cassação. Foi para ter alguém, digamos, sensível a seus apelos no Planalto e disposto a usar o governo em seu socorro que Cunha detonou o *impeachment*. Se Temer não cooperar, Moura atrapalhará o governo provisório com um conhecido lema, “criar dificuldades para vender facilidades”. A chantagem descrita por Costa teria sido assim: diante da exigência, Vieira Lima pediu uma semana de prazo, os cunhistas correram ao mestre e ouviram a revelação (digam que, se não nomearem o Moura, vocês indicarão integrantes para a comissão do *impeachment* de Temer).

Durante uma viagem de Dilma ao exterior em 2015, Temer assinou decretos orçamentários semelhantes àqueles que

deram origem ao processo de destituição da petista. Sua deposição foi requerida em dezembro por um advogado mineiro, Mariel Márley Marra, mas Cunha na época protegeu o parceiro. Marra correu ao STF e, em abril, uma liminar do ministro Marco Aurélio Mello ordenou a instalação da comissão. Cunha peitou o Supremo com uma artimanha. Combinou com o “centrão”

**STF.** Marco Aurélio Mello liberou o processo de pedido de *impeachment* de Michel Temer



MARVIN RECINOS/AFP, VALTER CAMPANATO/ABR, MARCELO CAMARGO/ABR E GUILLAUME SOUVANT/AFP

